

ensino

POR PEDRO SENA DA SILVA
Vice-Presidente da Ordem dos Engenheiros

TRIBUNA DO ENGENHEIRO

Programa MIT-Portugal

E

sempre arriscado anunciar vitórias antecipadas. Ainda assim, na assinatura do acordo MIT-Portugal atrevemo-nos a detectar algumas vitórias antecipadas.

Habituaamo-nos a constatar e lamentar a incipiente cooperação universidades-empresas que se regista em Portugal. Um dos méritos deste

acordo agora assinado entre Portugal e o MIT é o de permitir que a cultura de estreita cooperação universidades-empresas que existe nos EUA seja transposta para Portugal. Neste domínio, temos muito mais a aprender com os EUA do que com a Europa. A Europa debate-se com um problema estrutural e cultural histórico, em que as empresas e as universidades pouco ou nada se cruzam e, quando tal sucede, são apenas algumas das maiores empresas que beneficiam. Ora, a experiência norte-americana nesta matéria evidencia, precisamente, a fonte de empreendedorismo e o enorme potencial de criação de empresas e de inovação de processos e produtos que resulta do cruzamento universidades-empresas. Não apenas o MIT, mas muitas outras universidades norte-americanas têm dado sucessivas provas dessa fértil colaboração. O sucesso dessa colaboração resulta de aspectos culturais mas, também, de enquadramento legal. Nos últimos vinte anos (Bayh-Dole Act, 1980), os EUA adoptaram um sistema que incentiva as universidades a desenvolver, registar e explorar comercialmente patentes.



Esta fertilização cruzada é, desde já, outra vitória antecipada.

Na Cimeira de Lisboa de 2000, os líderes políticos europeus decidiram que a União Europeia deveria tornar-se, no espaço de uma década, na mais competitiva região do mundo num novo paradigma económico baseado no conhecimento. Enquanto uma máquina europeia lenta e pouco eficiente vai tentando transformar este desígnio em políticas e programas operacionais, os EUA continuam a liderar a sociedade do conhecimento. Estimativas apontam para que os EUA detenham 45% do valor mundial das receitas provenientes de licenciamento de tecnologia. Portanto, um parceiro norte-americano como o MIT é, também nesse sentido, uma escolha acertada para uma vitória antecipada.

As áreas eleitas (engenharia de concepção e sistemas avançados de produção industrial, sistemas de transporte, sistemas de energia, sistemas de bioengenharia e um programa “âncora” de integração de sistemas de engenharia) cobrem um vastíssimo campo de intervenção da maior importância estratégica para o País e com impacto em sectores muito importantes da nossa economia. Assim sendo, quanto aos conteúdos, também estaremos perante uma vitória antecipada.

Ora, o acordo agora assinado com o MIT irá permitir, a um número muito significativo de investigadores, professores e alunos portugueses das áreas da engenharia e da gestão, o intercâmbio com os seus pares do MIT. Será uma oportunidade para deixar contaminar o nosso sistema de ensino superior e de investigação, com novas formas de trabalho. Se esta mudança ocorrer, estaremos perante uma vitória antecipada.

Outro dos pontos fracos que são apontados às universidades europeias tem a ver com a reduzida regeneração, com poucos professores e alunos provenientes de outras escolas e/ou de outras nacionalidades. O Erasmus tem permitido dar passos significativos num movimento de abertura, e o Processo de Bolonha irá dar também uma importante contribuição. Mas, ainda assim, nos EUA apenas 7% dos novos professores contratados pelas universidades provêm dessas mesmas universidades, enquanto esse número é de 50% em Espanha e 95% em França.

Independentemente do mérito do objectivo da actividade científica e tecnológica que se pratica em Portugal, teremos que reconhecer que o País e as empresas nacionais sofrem com um prémio-negativo que normalmente acompanha os produtos e serviços nacionais. Sabemos que é um problema de imagem e sabemos que é profundamente injusto para muito do que se faz em Portugal. Mas esse prémio-negativo existe e traduz-se, em termos económicos, numa brutal erosão da riqueza nacional. Também aqui, a associação de um programa nacional envolvendo Universidades, Empresas e Governo à “marca” MIT, constitui uma excelente alavanca para inverter esse prémio-negativo.

Finalmente, um comentário relativo ao esforço financeiro associado ao Programa MIT-Portugal. Os números divulgados apontam para um investimento público de 65 milhões de euros. Há que reconhecer que estamos habituados a ver valores bem superiores só em “derrapagens orçamentais” de alguns outros investimentos públicos que, desde logo, são autênticas derrotas antecipadas.